

## A espada, o esfregão e o lápis

*Naira Pinheiro dos Santos\**

ELAYOUBI, Fatima. *Prière à la Lune*. Paris : Éditions Bachari, 2006. 98 p.

Fatima Elayoubi nasceu no Marrocos, onde frequentou a escola por três anos. Em 1983 Fatima segue com seu marido para Paris para morar num quarto de sete metros quadrados. Cinco meses depois decide começar a trabalhar. Trabalha como doméstica e como faxineira até que, em 1999, sofre um acidente de trabalho: cai da escada com o aspirador de pó na mão.

“Bonsoir, Lune. Bonsoir toi, qui parles en silence” (Boa noite Lua. Boa noite, você que fala em silêncio, p. 13). É assim que Fatima começa a sua oração à lua, o seu pedido de “socorro”, título do primeiro dos oito capítulos do livro. Nesse, como nos demais capítulos – “a escola”, “o exílio”, “a infância, sempre”, “a servidão das mulheres”, “o trabalho de Fatima”, “a doença do diploma”, “o renascimento” – Fatima não nos fala de segredos confiados à lua. Ela nos diz da indiferença que a obriga a se dirigir à lua: “quem, exceto você, pede notícias do ser triste, doente, desesperado ou apaixonado?” (p. 13). Ela nos diz da sua história, da história de uma mulher, imigrante, marroquina, de modesta condição social, confinada ao silêncio em Paris. Mulher trabalhadora doméstica confinada ao silêncio, como tantas outras Fatimas às quais Elayoubi dedica o seu livro. Confinada ao silêncio pela sua condição de gênero, de classe social, de imigrante, de imigrante marroquina, de estrangeira que não maneja bem o idioma da terra do exílio, da “sua França”, à qual também dedica o seu livro.

No Marrocos, seu país de origem, Fatima não pudera terminar os seus estudos, pois a prioridade para os seus pais era a comida, e não a escola. Teve que abandonar a escola... “um arrependimento sem fim” (p. 24). Com os meninos, a situação era diferente: “são eles que saem para ganhar a vida” (p. 24), é preciso então prepará-los, de modo que

seus irmãos continuaram os estudos. Ali também os seus direitos eram desrespeitados, mas pudera aprender o valor da sinceridade das palavras e dos atos, da fé e da justiça. Pudera sentir-se encorajada por seu pai, aprendera a bordar com a sua mãe, pudera sentir o amor da sogra e da sua pátria (p. 91). Assim é que supostamente deveria ser com o seu marido: o deus dos homens havia dito que o homem deve cuidar da mulher. Mas com ele rapidamente tudo se convertera em escuridão e traição. Fatima havia sido criada como um ser humano, com o seu marido havia se tornado um animal. Após dezesseis anos de casamento e com duas filhas, ela decide se separar para preservar sua educação, sua religião e o respeito próprio (p. 45-47).

O seu trabalho preservava a sua dignidade, mas por ele Fatima devia “renunciar a tudo aquilo que outrora suas mãos sabiam criar” (p. 64). E as mulheres e homens para as/os quais executava o seu trabalho seguiam desfazendo os pequenos “pedaços de paraíso” (p. 67) que ela lhes deixava. Entre seus interlocutores havia aquelas/es que lhe falavam, aquelas/es que a ignoravam, aquelas/es que se interessavam por ela e aquelas/es cujo único interesse era a qualidade do seu trabalho, e que tantas vezes seguiam surdas/os ao seu clamor. Tal qual alguns dos médicos que Fatima consulta e que, diante do sofrimento físico e da alma que a acometiam, pareciam não saber fazer mais do que ‘ouvir’ as radiografias e lhe dizer que pedisse ao patrão “um trabalho menos duro” (p. 82) ou ainda que mudasse de trabalho, como se existisse essa possibilidade. Tal qual as Fatimas de Elayoubi, há Marlenes, aqui em São Paulo, Brasil, que também conhecem muito bem esse “diálogo de surdos”.

A França e a condição de imigrante(s) ali, na “terra da liberdade, do sofrimento e da luta para viver” (p. 43) ocupa boa parte de suas memórias. Muitas foram as humilhações e os sofrimentos ali: a dama branca que “não pode ir trabalhar, construir o seu futuro, a sua família, ganhar dinheiro, comprar perfumes, belas roupas, sem uma Fatima” (p. 73), mas que demonstra desconforto quando Fatima, com a sua cor “nem branca nem negra” (p. 73) se assenta ao seu lado no banco do metrô; ter que “reaprender tudo, o idioma, a cozinha, a vida” (p. 78); não saber o suficiente para ensinar às filhas e ter que viver entre dois mundos; ter que abandonar os sonhos e desejos em face da urgência da sobrevivência; o

\* Doutoranda em Ciências da Religião na UMESp – Universidade Metodista de São Paulo, membro do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL.

sentimento de injustiça... Mas “o maior sofrimento foi o de não dominar o idioma do seu interlocutor” (p. 64), de não poder se comunicar com a mesma naturalidade com que se comunicava em seu país. Mesmo assim Fatima procurava os meios de se comunicar. Com o empenho de quem tem consciência da dignidade e beleza de seu trabalho, ela procurava dizer algo, embora poucas/os a ouvissem:

“As pessoas que nos empregam falam de canções, enquanto as nossas melodias envolvem os seus ouvidos de manhã até a noite. Elas falam de teatro enquanto as nossas peças são escritas sobre a transparência de suas janelas. Elas falam de beleza e de elegância com camisas impecáveis, passadas por nós” (p. 68).

Com a queda começa a ronda pelos hospitais em busca de solução para as dores lancinantes, que haviam substituído o medo de não poder pagar o aluguel, de não poder suprir as necessidades de suas duas filhas. Finalmente Fatima encontra duas médicas que, “em nome de Deus, do seu trabalho, ou do senso de dever” (p. 89) estão dispostas a ouvi-la. Fatima passa a escrever a sua história em árabe, traduzida para o francês por outras mãos – ela não sabia escrever em francês. Uma oração, um forte testemunho, uma delicada poesia, um desafio à sociedade

“que fala de tudo, de muitos detalhes [...que] descobriu os segredos da terra [...que] desceu ao fundo dos oceanos, onde encontrou riquezas. [Que] foi até mesmo buscar pedras na lua. Mas [que] não valoriza os tesouros que a cercam. [Que] não se interessa por aqueles que guardam o seu pequeno paraíso, removem a poeira do seu escritório e de suas alamedas, aqueles que assam o seu pão” (p. 68).

Em *Prière à la Lune*, Fatima escreve com a mesma elegância com que sempre procurou executar o seu trabalho. Mesmo quando passava uma camisa Fatima desejava sentir “uma harmonia estética” (p. 67). Passar a camisa, remover o pó “para admirar por toda a parte a beleza” (p. 67), esse era o trabalho ao qual Fatima se dedicava nove horas por dia, mas que ninguém via. Ela considerava o seu trabalho uma arte, mas “muitas pessoas ignoram o que é a arte” (p. 66). Uma arte pela qual Fatima procurava se comunicar, uma verdadeira ‘instalação’, embora seus interlocutores passassem indiferentes por ela.

Ainda que sentisse que a sua alma se encontrava desnutrida, quase à morte, e que perdera o seu corpo, desgastado, Fatima continuava retirando força e vida da fé aprendida de seus pais. “Graças a Deus e à Lua” (p. 16), costumava dizer seu pai. E é à lua e a Deus que Fatima dirige as suas lamentações e confissões. Ela buscou a lua como “testemunha eterna” porque não encontrara ninguém sobre a Terra disposta a ouvi-la, a crer nela. Mas também porque sentia que podia confiar na lua e em Deus, este que lhe “dera inteligência e fé” (p. 56). Fatima recupera a fé que aprendeu de seus pais, mas a excede. A sua fé imbuída de um profundo sentido ético guiam a sua conduta e a encorajam a persistir, a continuar a buscar a justiça, a solidariedade, a confiança na sacralidade do trabalho. Hoje, tendo reencontrado com essas duas médicas aquilo que estava perdido nela, “o tempo de combater com a espada terminou. É preciso escrever” (p. 92). Com “o esfregão numa mão, o lápis na outra” (p. 93).

Confinada ao silêncio, mas não muda. Tal qual a lua, Fatima fala, clama silenciosamente. Não apenas Fatima, mas todas as Fatimas às quais ela dá voz. Em oito breves capítulos um tratado de sociologia; um desafio que Fatima lança a nós, à sociedade ocidental da liberdade, igualdade, fraternidade. Liberdade, igualdade e fraternidade não é um ideal apenas da França. Foi sobre esse ideal que a sociedade ocidental moderna pensou que, livre das amarras da religião, e apoiada no conhecimento científico e na racionalidade, construiria a paz entre os povos, a liberdade de todos os indivíduos e a igualdade entre todas as pessoas. Mas, ao invés disso, fraternidade, igualdade e liberdade são construções com um viés de gênero, de classe social, de etnia, de religião, de nacionalidade, de nível de escolaridade... Fatima lança um desafio a essa sociedade ocidental, mas também a todas aquelas outras sociedades (Marrocos inclusive) que fazem dos homens deuses e que não sabem atribuir às mulheres e ao seu trabalho o devido valor, que não tomam tempo com elas, não procuram saber da sua vida e dos seus sonhos, não abrem esse livro. Um desafio que, ora com a espada, ora com o esfregão, ora com o lápis, alguns e algumas aceitaram, possibilitando tornar público o desafio de Mme. Elayoubi.